

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/327558346>

Arquitetura Dialógica no Contexto do Centro Histórico: o Método.

Chapter · January 2015

CITATIONS

0

READS

233

2 authors, including:



[Rosio Fernández Baca Salcedo](#)

São Paulo State University

31 PUBLICATIONS 3 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Arquitetura e dialogias: projeto, construção e uso social [View project](#)



Arquitetura e dialogias: projeto, construção e uso social [View project](#)

Arquitetura Dialógica no Contexto do Centro Histórico: o Método

Rosio Fernandez Baca SALCEDO¹

Paula Valéria Coiado CHAMMA²

Juliana Cavalini MARTINS³

Antônio PAMPANA⁴

INTRODUÇÃO

Os centros históricos representam principalmente o traçado inicial da cidade, são estruturas urbanas e arquitetônicas que expressam as manifestações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas, das formações sociais dos diferentes períodos históricos (SALCEDO, 2007, p.15), vestígios dessas expressões materializadas no espaço se apresentam como testemunhos de civilizações do passado.

Por ser um centro consolidado esta área passa a despertar novos interesses culturais, econômicos, políticos que através de projetos arquitetônicos desconfiguram o espaço, constro-

¹Professora, Doutora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, rosioffbs@faac.unesp.br

²Doutora, Bolsista Pós-Doutorado pela CAPES, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, paulachamma@faac.unesp.br.

³Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, arq.julianacavalini@hotmail.com

⁴Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pampannaarquitectura@gmail.com

em sem harmonia com o contexto, podendo ocasionar riscos irreparáveis à integridade histórica e cultural, como também interferindo na vida dos usuários do lugar.

Muitos estudos demonstraram a importância de construir no construído em harmonia com o contexto urbano, preservando a arquitetura tradicional e valorizando o patrimônio arquitetônico e urbano. As abordagens em centros históricos vão desde a construção de edifícios novos em harmonia com a ambiência (UNESCO, 1962 apud IPHAN, 2004, p. 84; UNESCO, 1976 apud IPHAN, 2004, p.227), o respeito às peculiaridades tipológicas e construtivas dos edifícios (GOVERNO DA ITÁLIA 1972 apud IPHAN, 2004, p. 169), a reabilitação de edifícios (MARICATO, 2001, p.126), a conservação e restauração dos edifícios (ICOMOS, 1964 apud IPHAN, 2004, p. 77), os materiais a serem utilizados em construções novas ou reabilitações (BOITO, 2002; BRANDI, 2004), a contemporaneidade de projetos novos (SALCEDO, 2009), a arquitetura dialógica na sua intertextualidade com o contexto urbano, histórico, social, econômico e político (MUNTAÑOLA 2007, p.13). Para Salcedo (2011, p. 163) esta intertextualidade também estaria relacionada com o contexto geográfico, arquitetônico, físico e tecnológico.

No entanto, é necessário conhecer quais elementos são fundamentais para que uma arquitetura seja dialógica e harmoniosa na sua relação com um contexto do centro histórico. Neste sentido, o presente trabalho pretende propor o método dialógico para a arquitetura em centros históricos com base na fundamentação teórica e filosófica de Muntañola (2002, 2006, 2007), Bakhtin (1997) e na hermenêutica de Ricoeur (2003), através da interpretação da arquitetura como texto inserido em um contexto.

CONTEXTO: CENTRO HISTÓRICO

O conceito de Centro Histórico está associado à origem do núcleo urbano, conseqüentemente, à valorização do passado (CARRION, 1998). Esta concepção não deve significar o congelamento da cidade. Segundo o Governo da Itália (1972 apud IPHAN, 2004, p. 166) os centros históricos são:

Todos os assentamentos humanos cujas estruturas unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, se hajam constituído no passado ou, entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial

como testemunho histórico ou características urbanísticas ou arquitetônicas particulares (GOVERNO DA ITÁLIA, 1972 apud IPHAN, 2004, p. 166).

Para Salcedo (2007, p. 23) o centro histórico refere-se fundamentalmente às categorias: administrativa, histórica, urbana, arquitetônica, social econômica e ambiental. A categoria urbana se remete a formação inicial da cidade representada pelo traçado urbano, às edificações, os espaços livres e seu mobiliário. Segundo Castells (1982, p. 141) o espaço urbano é um produto material relacionado com outros elementos, entre eles os homens, os quais adquirem determinadas relações sociais, que dão ao espaço uma forma, uma função, um significado social.

Com relação a categoria arquitetônica, Muntañola (1996, p.55) define a arquitetura como lugar ou como criadora de lugares para viver, e o lugar para viver é uma interpretação sociofísica em que se entrecruzam de forma simultânea o falar e o habitar, o meio físico e o meio social, o conceitualizar e o figurar.

Ainda sobre o lugar, Zárata (2015) expressa que os objetos teóricos constituem ambientes físicos, sociais e simbólicos. O ambiente físico refere-se aos padrões físicos, as tipologias arquitetônicas, enquanto que o ambiente social se refere à identidade social, aos grupos sociais, aos capitais sociais, a distinção de classe, ao reconhecimento. Já o ambiente simbólico refere-se às representações sociais, aos esquemas ou mapas mentais, aos planos miméticos, símbolos, imaginários sociais e valores.

Para Santos (2009), cada sociedade vê o espaço de uma forma que estará ligada às suas concepções sociais e culturais. Compreender a cidade e a produção do espaço urbano implica entender como esse espaço se relaciona à sua forma (a cidade), mas não se reduzindo a ela, à medida que expressa mais que uma simples localização e arranjo de lugares, expressa um modo de vida.

O TEXTO: ARQUITETURADIALÓGICA

Muntañola (2006, p. 63) aborda a dialogia na arquitetura com base na abordagem filosófica de Mikhail Bakhtin e na hermenêutica de Paul Ricoeur. Entender a dialogia em arquitetura é compreender o pensamento arquitetônico em Bakhtin, ou seja, a relação estética entre forma e conteúdo, e nas interações entre a arte, a ciência e a ética.

Segundo Holquist (apud MUNTAÑOLA, 2006, p. 63-64), o pensamento arquitetônico está indissolivelmente unido a contestabilidade (ansuwerability), ou seja, a capacidade de se dirigir a alguém ou algo desde outro alguém ou outro algo. Essa capacidade de dirigir-se à (to address) é essencial na teoria dialógica do conversar que pressupõe uma intenção de se dirigir, de comunicar, não individual, se não social.

Muntañola (2006, p. 64) ressalta que a estrutura cronotópica¹ da arquitetura ocupa um lugar específico e muito relevante na distribuição geral das artes, que é a construção sociofísica de um território, na qual construir e habitar relacionam-se cronotopicamente.

A base teórica filosófica da dialogia trata de ver as relações entre o corpo e a arquitetura numa relação cronotópica e fenomenológica descrita por Bakhtin e teorizada por Paul Ricoeur. A tripla natureza das relações entre corpo e arquitetura articula: o projeto, a construção e o uso social, numa estrutura cronotópica entre realidade e representação do espaço sociofísico (MUNTAÑOLA, 2006, p. 65).

Essa relação (diálogo) entre o projeto, a sua leitura, o seu contexto e o objeto final é caracterizada por Mikhail Bakhtin (1999), como a Dialogia de uma obra. Portanto, a dialogia inicia-se pela compreensão do texto arquitetônico, ou seja, o estudo do projeto, o seu percurso, até a realização da obra; terminando no uso. Essa análise só pode ser realizada e interpretada dialogicamente entendendo o contexto histórico e interpretando os fatos políticos e sociológicos em que a obra está inserida (ZÚQUETE, 2000).

Ricoeur (2003, p. 10) estabelece uma articulação hermenêutica entre a narratividade e a arquitetura: a arquitetura é para o espaço o que o relato é para o tempo, isto é, uma operação configuradora, um paralelismo, por um lado entre o ato de construir, ou seja, de edificar no espaço e, por outro lado, o ato de narrar, dispor a trama no tempo. Ao cruzar espaço e tempo através dos atos de construir e narrar, encontra-se a temporalidade do ato arquitetônico, a dialética da memória e o projeto.

Para Ricoeur (2003, p. 13) sua analogia é organizada em três dimensões sucessivas: prefiguração, configuração e refiguração; definidas em tempo e relato com uma denominação muito antiga de mimesis, isto é, recreação, representação criativa. A primeira

¹Bakhtin foi o filósofo que abordou o termo cronotopo. Este conceito provém dos termos gregos kronos, cujo significado é tempo, e topos, que significa lugar e se refere às relações que existem entre tempo e espaço nas criações literárias.

fase: a prefiguração, no relato é empregada na vida cotidiana, na conversação antes de separar-se dela para produzir as formas literárias; na arquitetura estaria vinculada a ideia.

A importância do valor prefigurativo do projeto está como um projetar histórias, ou seja, na compreensão de qualquer história como uma cadeia de projetos. As prefigurações e as inovações, que hoje não são novos, foram em maior ou menor medida no seu dia. Projetar história é projetar o futuro como projeto cultural, como proposta, somente assim o valor poético de um projeto une: tradição e inovação, passado e futuro, velho e novo. Assim, se prefigura, porque o velho contém inovação quando se interpreta desde o novo. Projetar história é converter a arquitetura num mecanismo que permite qualificação da interação social.

Com relação ao projeto, a prefiguração abrange o universo poético da arquitetura em que o arquiteto faz a leitura do mundo enquanto lugar e o interpreta como conceito. Determina um novo padrão de ordem e valor, regido pelo senso estético e de harmonia dessas relações fundamentadas nas narrativas históricas criadas pela memória das experiências já vivenciadas pelo arquiteto e todo seu conhecimento.

Sob a ótica da prefiguração, a hibridação deve ser entendida como a interpretação do edifício velho através de um novo uso, nova forma, intervindo em harmonia com o velho. Para Muntañola (2007, p.13) a hibridação é um diálogo poético complexo:

cada una con su valor de reconocimiento histórico-social y con su valor de peripécia funcional pero, además, tenemos la nueva poética, que es la que há de dominar la cualidad estética del cruce entre historias diversas, y que debe aprovechar la poética propia de lo pré-existente para apoyar la suya propia, a fin de que el nuevo usuário (la nueva voz o voces) pueda dialogar con el antiguo, ya (outra voz o voces). Tal como indica Bajtín en ese tipo de representación híbrida, el lenguaje anterior sigue existiendo y no es substituído por el nuevo, sino que es iluminado por el nuevo (MUNTAÑOLA, 2007, p. 13).

Para Ricoeur (2003, p. 17) a segunda fase do relato chamado de configuração é aquela em que o ato de narrar se liberta do contexto da vida cotidiana e penetra no campo da literatura, portanto, a narração se registra mediante a escritura e a técnica narrativa. Na arquitetura, a configuração é a construção no espaço do projeto arquitetônico, ou seja, o ato de construir, de configurar o espaço. O

espaço construído é o tempo condensado. Construir é transformar o meio natural num meio artificial mais adaptado às nossas necessidades sociais (MUNTAÑOLA, 2002, p. 15). O progresso tecnológico, os novos materiais e a sustentabilidade nos permitem decidir como queremos viver. Nem todas as sociedades têm o mesmo tipo de construção, as necessidades e o uso do espaço é resultado das expressões culturais (RAPOPPORT, 2003).

Ainda segundo Ricoeur (2003, p. 20, 23) o ato de configuração se divide em três etapas:

(...) por una parte, la puesta-en-intriga, que he definido como la síntesis de lo heterogéneo, por otra parte, la inteligibilidad- el intento de esclarecer lo inextricable - y finalmente, la confrontación de vários relatos, colocados ao lado de otros, frente o detrás de ellos, es decir, la intertextualidad (RICOEUR, 2003, p.20).

A intertextualidade se realiza na ambiência de edifícios já existentes que contextualizam o novo edifício. A historicidade também é entendida como o ato de inscrever um novo edifício num espaço já construído. No ato da inscrição dar-se-á a relação entre inovação e tradição. Como exemplo de arquitetura dialógica é o Novo Museu da Acrópole, projetado pelo arquiteto Bernard Tschumi e construído, em 2009, para abrigar uma importante coleção de esculturas da Grécia antiga e os frisos do Parthenon. Sua configuração estrutural e as fachadas de vidro possibilitam a intertextualidade com os monumentos da Acrópole, as colinas históricas das imediações, além de valorizar a escultura arquitetônica do Parthenon e as escavações arqueológicas localizadas em sua base, conforme pode ser visto nas Figuras 1 e 2.



Figura 01. Novo Museu da Acrópole, Grécia: Vista interna do segundo pavimento e sua relação híbrida com o contexto imediato (fonte: Acervo dos autores, 2015).



Figura 02. Novo Museu da Acrópole, Grécia: Vista externa do segundo pavimento e sua relação híbrida com o contexto imediato (fonte: Acervo dos autores, 2015).

O novo ato configurador projeta as novas maneiras de habitar que se integram no contexto de histórias de vida já passadas. A configuração é a forma de ordenar o espaço geométrico a fim de atribuir-lhe uma função inerente às necessidades sociais para a realização do conceito enquanto materialidade objetiva. Muntanõla (2003) expõe o sistema configurante que pode ser entendido como todo o universo de possibilidades de estrutura de arranjo formal que o homem pode configurar, a natureza à favor de suas necessidades sóciofísicas. Assim, representa o conceito referente à ideia de leitura de mundo daquele dado momento sócio histórico, tudo aquilo que é capaz de ser ordenado para representar um conceito é entendido como um sistema configurativo.

A configuração é toda técnica determinada pelo projeto aplicada aos elementos da natureza que compõem a paisagem do meio ambiente a fim de ordená-la para que as ações da vida do homem social e histórico sejam possibilitadas. Portanto, a configuração diz respeito à dimensão lógica da arquitetura, que faz uso de arranjos, em nível estrutural dos elementos constituintes do espaço geométrico para dar-lhe um novo sentido e que melhor represente a ideia expressa pelo projeto.

Para Ricoeur (2003, p. 26) a refiguração é a leitura do relato já na obra construída, possibilitando a leitura e releitura dos lugares, a partir de nossa maneira de habitar. Entenda-se por habitar, tanto o uso (o ritual) como uma significação simbólico-cultural, isto é, o homem não separa o uso prático da significação social deste uso.

Habitar é uma realidade que se transforma por meio do tempo e do espaço (MUNTAÑOLA, 2002, p. 17).

A refiguração diz respeito ao universo fenomenológico da arquitetura, possível de ser experienciada e conhecida. É a relação de uso dada pelo homem social e histórico, vivenciada em seu estado presente; é quando a arquitetura se realiza enquanto lugar. Possibilita novas narrativas históricas sobre a memória da experiência vivenciada deste lugar já resignificado. Essa narrativa gera um juízo de valor comparado às outras experiências já vivenciadas. Quanto melhor for o juízo de valor, melhor será a realização da arquitetura e melhor possibilitará que as ações da vida aconteçam e se desenvolvam. É na refiguração que a arquitetura é avaliada e validada sobre o conceito que melhor reflete em relação à natureza e a vida. Podemos assim, conhecer o real valor da arquitetura como objeto social e histórico que a representa e sobre as narrativas históricas criadas a partir das novas experiências como objeto configurado. Neste universo predomina o sentido ético da arquitetura, em que toda experiência deve entrar em concordância com o pensamento que a solicitou, numa relação de verossimilhança entre realidade objetiva e realidade social e histórica.

MÉTODO DIALÓGICO

Com base nessa fundamentação teórica e filosófica propõe-se o método dialógico para arquitetura em centros históricos ou centros urbanos consolidados, que compreende duas etapas: o contexto do centro histórico e o texto ou arquitetura.

Em um primeiro momento, o contexto do centro histórico compreende sua abordagem com relação a sua formação urbana, morfologia urbana e edificação, aos aspectos históricos culturais, políticos e sociais. Além disso, deve abordar o contexto do arquiteto com relação às suas experiências e formação profissional.

Em um segundo momento, a análise dialógica da arquitetura se inicia pela compreensão do texto arquitetônico desde o projeto, o seu percurso na construção até o uso social, ou seja, as fases da Hermenêutica de Paul Ricoeur (2003): Prefiguração/Projeto, Configuração/construção e Refiguração/Uso Social (qualidade de habitação, viabilidade social, econômica, urbana e ambiental).

Na prefiguração os elementos de análise são: a) compreensão/interpretação: compreensão do contexto histórico, cultural, social e identidade do lugar e sua interpretação como forças motoras

do projeto; b) intencionalidade projetual ou intertextualidade: relação dialógica entre a linguagem arquitetônica contemporânea e o contexto específico de expressão; c) hibridação: preservação do edifício antigo e sua interpretação, atendendo aos novos usos e valorizando o antigo através do novo; d) contemporaneidade: contraste ou relação com a arquitetura tradicionalista e seus valores atualizados.

Na configuração, os elementos de análise são: a) estilo: ordem dos elementos na composição espacial interna e externa, tipologias; b) intertextualidade: relação da arquitetura com o contexto ou entorno; c) historicidade/Inovação: análise da inscrição da nova arquitetura num espaço já construído, sendo que no ato da inscrição dar-se-á a relação entre inovação e tradição; d) morfologia: relação do edifício com os elementos que compõem a morfologia urbana e edílicia do contexto; e) contemporaneidade: contraste ou relação com a arquitetura tradicionalista e seus valores atualizados; f) materialidade: materiais e tecnologias, sistemas construtivos e acabamentos do edifício como um todo.

Na refiguração, a análise fenomenológica sociofísica compreende: a) qualidade da arquitetura: funcional, relação espaço construído/usuário, conforto ambiental; b) viabilidade social: satisfação dos usuários com o espaço construído (juízo de valores); c) viabilidade econômica: grau de acessibilidade ou apropriação do espaço construído; d) viabilidade urbana: equipamentos coletivos e serviços, transporte público existente no contexto urbano imediato ou entorno; e) viabilidade ambiental: espaços públicos (praças, jardins, parques, etc.) e mobiliário urbano (bancos, telefone, comunicação visual, lixeiras, etc.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método dialógico apresenta-se como um processo de reflexão para o campo disciplinar da arquitetura, como pressuposto projetual marcado pela importância simbólica do conceito de lugar como resultado das expressões sociais, históricas, culturais, políticas, econômicas da sociedade e da interpretação desse contexto e da própria arquitetura (o texto).

A analogia da arquitetura e da narratividade permitiu um avanço na interpretação sociofísica do lugar, nas dimensões espaço-tempo: prefiguração ou projeto, configuração ou construção e refiguração ou uso social. Assim, apresenta-se, como método dialógico para

ser aplicado nos centros históricos ou centros consolidados, ou seja, na prática projetual do arquiteto, na análise da arquitetura no contexto e nas atividades de ensino de projetos nessa temática.

A aplicação do método dialógico na arquitetura possibilita a reflexão e interpretação do passado e do presente, na busca de um futuro melhor para todos os cidadãos, propondo uma vida com bem-estar, beleza e segurança, ou seja, uma arquitetura de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.

BOITO, Camillo. **Os restauradores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Tradução de Beatriz Mugayar Kulh. Cotia: Ateliê, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana (1982)**. Tradução: Arlene Caetano, 1ª reimpressão, Coleção Pensamento Crítico, volume 48, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CARRION, Fernando Mena. **Conceptos, realidades y mitos de los centros históricos: el caso de Quito**. Texto apresentado na Shelter as Revitalization of Old and Historic Urban Center. Havana, 1998.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Cartas Patrimoniais**. 3º ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUNTAÑOLA, Josep. **Las formas del tiempo**. Serie Arquitectura. Badajoz, España: Editora @becedário, 2007.

_____. Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura y Dialogia, Barcelona: UPC, n. 13, p. 63-76, 2006.

_____. La arquitetura de la transparência. Revista **Arquitectonics. Mind, Land & Society**, Barcelona: UPC, n. 4, p. 31-45, 2003.

_____. Arquitectura, Modernidad y Conocimiento. Revista **Arquitectonics. Mind, Land & Society. Arquitectura y Dialogia**, Barcelona: UPC, n. 2, 2002.

_____. **La arquitetura como lugar**. 2ª Ed. Barcelona: UPC, 1996
RAPOPPORT, Amos. Cultura Arquitectura Y Diseño. **Revista Arquitectonics. Mind, Land & Society**, Barcelona: UPC, n. 5, 2003.

RICOEUR, Paul. Arquitectura y narratividad. **Revista Arquitectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura y Hermenéutica, Barcelona: UPC, n. 4, p. 9-29, 2003.

SALCEDO, Rosío Fernández Baca. Dialogías de la arquitectura entre el tiempo de diseño y el tiempo de uso social. Vivienda de protección oficial Cambó 2, Ciutat Vella, Barcelona (España). **Revista Arquitectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura y virtualidad, Barcelona: UPC, n. 21-22, p. 161-177, 2011.

_____. Recomendações para a salvaguarda do patrimônio arquitetônico e urbano nos centros históricos. FONTES, M. S. G. C; CONSTANTINO, N. R. T. e BITTENCOURT, L. C. (Org.). **Arquitetura e Urbanismo: novos desafios para o século XXI**. Bauru: Canal 6, 2009, p. 69-82.

_____. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina**: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil). São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SANTOS, Cecília Dias. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, SP: G&DR, v. 5, n. 1, p. 177-190, jan-abr/2009.

ZARATE, Marcelo. Arquitectura, Fenomenología y Dialogía Social. **Revista Arquitectonics. Mind, Land & Society. Arquitectura y Dialogia**, Barcelona: UPC, n. 27, 2015.

ZÚQUETE, Ricardo. Ensaio: Uma análise dialógica sobre habitação social - Portugal 1950/80. 2000. **Tese** (doutorado) UPC e Escola Superior Técnica d'Arquitectura de Barcelona, Barcelona, 2000.